

# Tese diz que lobisomem mudou, mas ainda existe

LINA DE ALBUQUERQUE

Um homem de olhos fundos e pele amarelada vagueia pela zona rural do interior paulista mendigando por um prato de comida. À luz do dia, ele é um inofensivo andarilho solteirão sem trabalho definido. Em noite de lua cheia, porém, transforma-se no velho e mau lobisomem. Durante quatro anos, a estudante de pós-graduação em antropologia da Universidade de São Paulo (USP), a paulista Sheila Maria Doula, de 33 anos, seguiu os passos do novo lobisomem pelos bairros rurais do interior paulista. Depois de ter entrevistado cerca de 40 moradores de cidades como Piracicaba, Ibiúna e Juquitiba, ela pôde concluir: o lobisomem continua vivo, mas não é mais o mesmo.

Quando tiver que provar os seus conhecimentos diante da rigorosa banca examinadora da USP, no mês de dezembro, a autora da tese de mestrado *A Metamorfose do Humano* pretende esclarecer que nos dias de hoje os lobisomens já não fazem questão de matar seres humanos — as suas perversidades geralmente não causam danos maiores do que simples estragos em galinheiros. São maus, mas nem tanto. No seu trabalho de campo, ela também verificou que o reconhecimento popular do lobisomem é bastante menos rígido do que o difundido por meio dos relatos de folcloristas.

Na teoria, o lobisomem pode encarnar no sétimo filho, no homem que fica sete anos sem entrar numa igreja ou na criança não batizada. Os relatos colhidos pela pesquisadora, no entanto, revelam que hoje o seu estigma se deve à ausência de laços com a comunidade. O lobisomem normalmente é uma pessoa considerada desajustada por não ter família, trabalho e residência fixa. Ele é pouco sociável e gostar de uivar sozinho em noites de lua cheia. "Trata-se de uma crença que ainda não perdeu a sua função", afirma Sheila. "Ela permite diferen-

ciar certas pessoas cuja conduta não é totalmente clara e aceita pelo grupo social". O lobisomem, constata, sofre de uma profunda apatia e indisposição plena ao trabalho.

"A abordagem de Sheila difere da realizada pelo folclorista", sublinha a sua orientadora, a antropóloga Liana Trindade. "O seu estudo não se limita à descrição, passando pela verificação do significado da lenda para a sociedade." A História, a literatura folclorista e os ensaios como *O Magistrado e Feiticeiros na França do Século XVII*, de Robert Mandrou, atestam que o lobisomem foi bem mais temido no passado. Na Idade Média, seus pelos foram todos consumidos pelas fogueiras da Inquisição. Curioso é que muitos acusados chegavam a confessar a licantropia (a transformação em homem-lobo).

O novo lobisomem não perdeu o característico tom de pele amarelada. Embora a literatura só ofereça exemplos de lobisomem de pele branca, um agricultor de 69 anos, morador de Juquitiba, entrevistado pela pesquisadora, jura que ele é negro. "É um pretão orelhudo que rouba galinhas para vender", definiu ele.

Durante dois anos, Sheila estudou o lobisomem, com uma bolsa do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) sem ter o que temer. No terceiro ano de pesquisa, porém, o seu projeto foi ameaçado. Quando solicitou complementação à Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), o assessor negou o auxílio sob a seguinte alegação: "Lobisomem não existe". Sheila insistiu no pedido e recebeu nova resposta: "Cuidado com lobisomem". Não desistiu e acabou conseguindo uma prorrogação de seis meses. Antes mesmo de defender o mestrado, a pesquisadora já está pensando no doutoramento. Ela pretende agora trocar a companhia dos lobisomens pelos espíritos de padres e escravos que assombram o povoado de Cananéia, no Litoral Sul.



Lobisomem: roubando galinha



Jose Luiz Cordeiro/AE

Antropóloga Sheila: "Os lobisomens são pessoas desajustadas"